

CADERNO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - VOLUME 8

# Caderno de Leitura



## Guarani Mbya - Português

**ORGANIZADORES**

Aline Santin  
Eduardo Maciel Ferreira  
Marcos Gehrke

**AUTORES E TRADUTORES**

Carlos Airton Miri Martins  
Cleonice Krexu Verissimo  
João Karai Tataendy Vicente  
Marcelo Karai Papa Vidal



**CADERNO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - VOLUME 8**

*Caderno de Leitura*  
*Guarani Mbya - Português*

**UNICENTRO**  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE CANDÓI**  
**2018**

Catálogo na Publicação  
Fabiano de Queiroz Jucá (CRB 9/1249)

C122            CADERNO de leitura: Guarani Mbya - Português / Carlos Airton Miri Martins, Cleonice Krexu Veríssimo, João Karai Tataendy Vicente et al; organizado por Aline Santin, Eduardo Maciel Ferreira, Marcos Gehrke et al. - - Candói, PR : Unicentro / Prefeitura Municipal de Candói, 2018.  
39 p. : il. (Caderno de Educação do Campo, v. 8)

ISSN 2527-0788

Obra bilíngue: Guarani Mbya – Português

1. Educação do campo - Candói – Paraná. 2. Comunidades indígenas. I.  
Título.

CDD 370.19346

## **Organização**

Aline Santin  
Eduardo Maciel Ferreira  
Marcos Gehrke

## **Corpo Editorial**

Marlene Lucia Siebert Sapelli  
Marcos Gehrke  
Ademir Nunes Gonçalves  
Valdirene Manduca de Moraes

## **Correção ortográfica**

Guarani: Oséias Poty Miri Florentino  
Português: Jiuvana da Silva

## **Diagramação**

Donallu Propaganda e Marketing

## **Capa e Ilustrações**

Estudantes do Colégio Estadual Indígena Valdomiro Tupã de Lima

## **Autores e Tradutores**

Carlos Airton Mirĩ Martins  
Cleonice Krexu Veríssimo  
João Karai Tataendy Vicente  
Marcelo Karai Papa Vidal

## **Periodicidade**

Anual

Obra Financiada pela Prefeitura Municipal de Candói – Gestão Gelson Kruk da Costa, 2018

Organização

Laboratório de Educação do Campo / UNICENTRO



# Educação do Campo em Candói

A educação para a população do campo está prevista no artigo 28 da LDB, na qual define o atendimento à população do campo com adaptações necessárias as peculiaridades da vida rural e de cada região.

A garantia de uma educação do campo com qualidade tem como objetivo a valorização da cultura do campo em consonância com as necessidades da comunidade, os direitos sociais e a formação integral das crianças, jovens e adultos do campo – agricultores familiares, ribeirinhos, extrativistas, pescadores artesanais, assentados de Reforma Agrária, acampados, caiçaras e quilombolas. Essa preocupação por parte dos movimentos sociais vem de longa data, visto que, as políticas educacionais para este público, por parte do Estado são mais recentes.

Amparadas pelo Parecer 1011/10 e a instrução conjunta nº 001/2010 da SEED/SUED/SUDE, que trata da definição da identidade das escolas, 06 (seis) escolas do município de Candói, em 2012, tiveram efetivadas as mudanças de nomenclatura para Escola Municipal do Campo, sendo elas: Escola Municipal do Campo Península do Cavernoso, (Península do cavernoso); Escola Municipal do Campo Francisco Solano Bueno, (Cachoeira); Escola Municipal do Campo Emilio Francisco Silva (Paz); Escola Municipal do Campo Miguel Martim (Rio Novo); Escola Municipal do Campo São Pedro (São Pedro) e Escola Municipal do Campo Heraclides Mendes de Araújo (Lagoa Seca). Os educandos atendidos nas escolas citadas pertencem às famílias de pequenos

agricultores, assentamentos de Reforma Agrária e comunidades quilombolas.

Para que as escolas do município de Candói não fossem do campo apenas na nomenclatura, iniciou-se na Semana Pedagógica do ano letivo de 2013, a formação continuada dos professores, com estudos sobre a legislação que contempla a Educação do Campo e as reflexões referentes às práticas pedagógicas das escolas.

Entre os dias 22 a 24 de agosto de 2013 o município sediou o Encontro Estadual de Educação Do Campo, tendo como lema: “Por uma política pública, que garanta aos povos do campo, das florestas e das águas, o direito a Educação do Campo no lugar onde vivem”. Nesse encontro participaram cerca de 120 municípios com um grupo de aproximadamente mil pessoas entre eles, educadores e educadoras; educandos, educandas e pais; lideranças de movimentos sociais e sindicais. Nesse contexto houve uma reflexão sobre a atual conjuntura do campo e da Educação do Campo. A partir das reflexões apresentadas e do diagnóstico feito foi elaborada a Carta de Candói/2013 e uma pauta de compromissos e lutas, apresentando propostas e demandas da Educação do Campo.

Com a intenção de preparar os profissionais da educação de Candói sobre a Educação do Campo, o município buscou parceria junto a Universidade Estadual do Centro-Oeste, (Unicentro) para ofertar Pós-graduação, a qual ofertou o Curso de Fundamentos e Práticas das áreas do Conhecimento . O projeto destinou-se a atender preferencialmente educandos e educandas recém-formados da Licenciatura em Educação do Campo, professores da cidade de Candói/PR e região e a comunidade em geral, em um



total de 60 vagas.

Concluíram o curso 30 pessoas, das quais, 10 são do município de Cândói, uma é de Foz do Jordão e os demais estudantes da Unicentro de vários municípios do Paraná.

A Universidade disponibilizou os professores que ministraram as aulas da pós-graduação. A Prefeitura Municipal de Cândói ofereceu transporte para os professores, alojamento aos cursistas e professores na Casa Familiar Rural e funcionários para preparar as refeições. A compra dos alimentos e limpeza do local foi de responsabilidade dos cursistas.

O trabalho de conclusão do curso foi uma coletânea de cadernos didáticos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, Ciências da Natureza, Matemática e Linguagens. O material elaborado e ora apresentado, foi reproduzido pela Secretaria Municipal de Educação por meio da Prefeitura Municipal e disponibilizado para todas as escolas de Educação Básica do município de Cândói.

Os desafios são muitos para se efetivar uma educação do campo satisfatória no município, mas espera-se que a produção e distribuição desses cadernos seja uma, entre as várias futuras ações a serem realizadas para contribuir para uma Educação do Campo que forme pessoas com os conhecimentos necessários para uma emancipação plena, quer seja vivendo no campo ou na cidade, se elas assim desejarem e/ou puderem.

Andréia Savoldi Teixeira  
Secretária Municipal de Educação

Gelson Kruk da Costa  
Prefeito Municipal



# Contextualizando a produção

Nos últimos anos muito se tem discutido sobre a importância de adequar a formação inicial, continuada e da pós-graduação dos professores às necessidades das comunidades nas quais estão inseridas as escolas do campo. Historicamente essa adequação não aconteceu ou foi relativizada. Essa questão ganhou relevância e uma atenção especial a partir do grande movimento nacional de Educação do Campo, resultado dos embates provocados pelos movimentos sociais, a partir, especialmente das Conferências Nacionais por uma Educação do Campo. Esse Movimento provocou a instituição de importantes políticas públicas nessa área.

A partir disso, os movimentos sociais têm criado demandas às Universidades públicas que respondem com a criação de Grupos de Pesquisa, de cursos de graduação e pós-graduação, de projetos de extensão, dentre outras ações.

A Unicentro, em 2008, no Departamento de Pedagogia ampliou o debate acerca dessas questões e criou o curso de Licenciatura em Educação do Campo (consolidado de 2010 a 2013), a partir de um Edital do governo federal e das demandas apresentadas pelos movimentos sociais da região. Esse fato criou uma relação com os sujeitos do campo e trouxe para dentro da universidade outras demandas.

A partir de então, foram realizados vários projetos de pesquisa, de extensão e consolidaram-se quatro turmas de pós-graduação em Educação do Campo (presencial e gratuita). A última

dessas turmas foi possível a partir de uma parceria entre o Laboratório de Educação do Campo/Unicentro e a Prefeitura/Secretaria municipal de Educação de Candói e teve suas aulas realizadas em Candói, na Casa Familiar Rural. Essa turma cursou especialização em Educação do Campo: fundamentos e práticas das áreas do conhecimento, totalizando uma carga horária de 633 horas, sendo 531 horas de aulas e 102 horas de atividades realizadas no tempo comunidade. Havia na matriz curricular uma carga horária de formação comum para todos e outra optativa, direcionada à área de Linguagens ou Ciências Humanas ou Ciências da Natureza e Matemática. A organização das aulas se deu em Regime de Alternância. A turma era composta por professores da rede municipal de Candói e de egressos da Licenciatura em Educação do Campo da Unicentro.

O trabalho de conclusão de curso, diferente do que em geral se faz, exigiu dos estudantes a produção de um material pedagógico, direcionado ao trabalho a ser realizado em escolas de Educação Básica. Foram produzidos, então, cinco cadernos: o primeiro direcionado aos anos iniciais do Ensino Fundamental, intitulado Aspectos históricos e geográficos do município de Candói; outros três direcionados aos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, intitulados Caderno didático de ciências e agroecologia; Gêneros discursivos e Reforma Agrária: orientações metodológicas na área de Linguagens e Modelagem Matemática: uma possibilidade de ensino da Matemática em escolas do campo; e um Caderno de leitura Guarani-Mbya – Português

Desejamos aos leitores desse caderno que ele possa contribuir para qualificar os processos educativos realizados nas escolas, especialmente, do campo. O material aqui apresentado re-

sulta do esforço de estudantes e professores da pós-graduação em Educação do Campo em estabelecer, a partir da realidade do campo a relação entre teoria e prática, bem como contribuir para construir proposições que rompam com a centralidade da sala de aula.

Parabenizamos: os orientadores e as orientadoras pelo belo trabalho realizado; os autores e autoras pelo empenho e capricho na construção dos materiais e agradecemos à equipe da Prefeitura/Secretaria Municipal de Educação pela parceria que possibilitou os trabalhos.

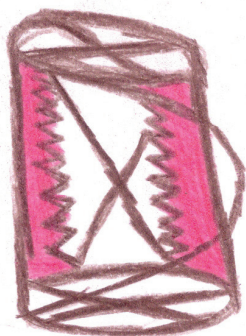
Candói e Guarapuava, agosto de 2017.

Marlene Lucia Siebert Sapelli, Marcos Gehrke e Angela Maria Deschk da Rocha



# Apresentação

O presente material é fruto de muitas conversas, experiências e risadas, que infelizmente não caberiam ser apresentadas aqui, mas que muito nos enriquece.



Para este trabalho, buscamos por histórias. Nossa mentalidade inicial era de que estas histórias nos seriam contadas de modo que estariam na forma bruta de algum gênero discursivo. Entretanto, seus autores nos mostraram que tais gêneros ultrapassam os estudados na escola, de maneira a romper com a linearidade, a ideia do sentido literal, e geram a impossibilidade de sua transcrição. Fomos, assim, pegos em nossa inexperiência de pesquisa.

Não objetivamos aqui trazer atividades pré-elaboradas a serem utilizadas em sala de aula. Vislumbramos com isto, ainda que como horizonte distante, uma pequena contribuição para romper o paradigma do ensino da língua como ensino de gramáticas normativas, e dar matéria para que não seja necessário o uso de fragmentos de unidades (virtuais) de leitura,

que existem no ensino destas perspectivas, e afirmar seu uso social. Sua concepção vai além de um produto final, mas também como ensaio de coleta de materiais, que pode ser realizado e utilizado na prática pedagógica.

Para além dos espaços das comunidades e escolas indígenas do campo, cabe provocar os sujeitos que não estão ali inseridos para que tenham um contato com a língua vernáculo destes povos. Em posse deste material,



educadores que atuem, ou não, em escolas do campo em áreas indígenas, poderão ter contato com algumas histórias em Guarani Mbya, e nisto afirmando a identidade destas comunidades, que por meio deste material ampliarão sua sociabilização, bem como a possibilidade de afirmar tais povos como parte importante da sociedade, e na educação, como também, apresentar suas especificidades por meio desta sistematização de sua produção cultural.

Constatamos também a escassez de materiais com a proposta de levarem leituras em Guarani Mbya, para seus falantes nativos. E nisto, observa-se que o processo de alfabetização e de



formação de sujeitos que abracem a prática de leitura e escrita, fica prejudicado.

Ainda que não sejamos sujeitos completamente alienígenas neste território, não somos nativos. Nosso contato é quase completamente restrito à escola, e aos aspectos educacionais formais destas comunidades. Ou seja, estamos inseridos apenas na superfície destas relações sociais.

Ao leitor distante, afirmamos o quão bem as comunidades indígenas Guarani Mbya, nos receberam. A conversa fluiu muito mais quando os envolvidos esqueciam a relação de pesquisa que provocou o contato. Agradecemos nominalmente aos que se envolveram diretamente, entenderam nossa intenção e produziram este caderno, no qual fomos apenas colaboradores: Marcelo Karai Papa Vidal, Carlos Airton Mirĩ Martins, João Karai Tataendy Vicente, Cleonice Krexu Veríssimo.

Aline Santin, Eduardo Maciel Ferreira e Marcos Gehrke

# Sumário em Português

Casa de Reza	18
Pamonha	22
Receita de Xipa	24
A lenda da mandioca	26
Lenda da Erva –Mate	28
Preparo de milho para fazer Mbojape	32
Artesanato guarani Mbya	36
Pequeno Sol (Canto da casa de reza)	40

# Sumário em Guarani-Mbya

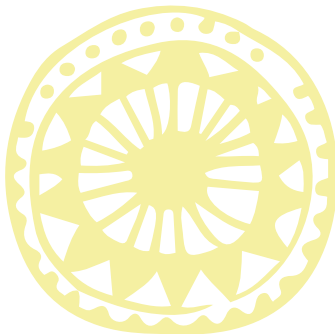
Opy	19
Rembojy aguã Xipa	25
Lenda Maji'o regua	27
Mba'exa pa Ka'ay Jaikuaague	29
Mbojape rejapo aguã	33
Tembiapo Mbya kuery ojapo va ´ e	37
Nhamandu mirĩ (Mborai opy regua)	41

# Casa de Reza

Em todas as aldeias guarani Mbyá, tem uma ou mais casa de reza que é chamada de Opy, sendo que para cada uma é designado um xamoï .

O xamoï é como um pastor ou padre para nós guaranis, sendo que o mesmo possui muita sabedoria, ele aconselha quando temos problemas e também faz remédios, benzimentos, ele cura as pessoas doentes da nossa aldeia, mesmo não obtém lucro financeiro, trabalha a favor do seu povo.

Atualmente, devido ao avanço das tecnologias juntamente com a devastação provocada pelo brancos (juruá), temos várias plantas que estão em extinção. Por esse motivo recorremos a medicina dos brancos, pois nem o xamoï consegue resolver apenas com as plantas existentes.



# Opy

Opa tekoa rupi ma oĩ ra peteĩ rami he'ỹ mokoĩ opy, va'eri peteĩ teĩ py ma oĩ rã peteĩ xamoĩ.



Ore mbyá kuery pe ma xamoĩ oiko pastor ha'e rami he'ỹa vy padre ramiae mba'eta ha'e hi'a randu omongueta ha'e ojapo avi moã ha'e ma opena porã nhande kuery re tekoa py ikuai va'e kuery re. Ha'e ma hekovia re'ỹ nhomonguera, ombaraetera'ĩ rupi rive omba'eapo oiko vy.

Aỹ gui kue ma ndojejou vaipa vei moã ka'aguy, mba'eta jurua kuery omomba ma jaiporu va'erã kue.

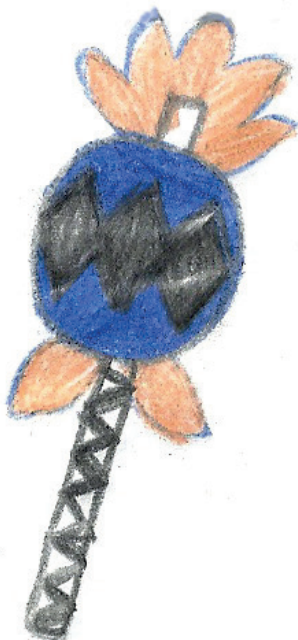
Ha'e rami teĩ ikuai teri amongue moã rogue'ĩ, jaiporu va'erã.

Antigamente as casas de reza não eram feitas como hoje, usava-se cipó para amarrar as madeiras para fechar a casa, e cobriam com sapé. Velas eram utilizadas para iluminação.

Hoje, não usamos mais essas coisas, mas utilizamos pregos, machados, martelos e coberturas de Eternit ou telha.

Mesmo utilizando estes materiais feitos pelos brancos, não perdemos nossos costumes, crença e a nossa cultura indígena.

Nos rituais das casas de reza temos batismos, aconselhamentos, cantos, sem distinção de idade, que são realizados todas as noites.



Aỹ gui nhanderekoa rupi opy'í jareko va'e ma yma guare rami ve'ỹ. Yma ma je oiporu raka'e oo jokuaa rã guembepi. Ikora rã ma yvy omona va'ekue he'ỹ vy yvyra guia ae ombokora. Opy'í hexakã aguã ma iraity gui, ei retãgue guigua.

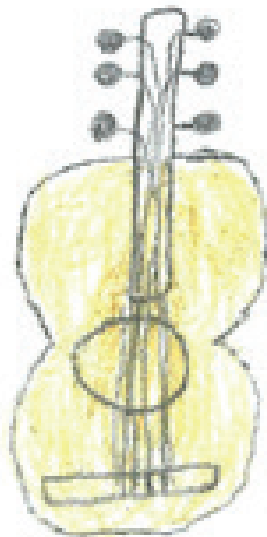
Aỹ ma jaiporu karavo haxa ,karavo mbotaa ,ha'e kyxe guaxu .ijao'ia voi aỹ jurua kuery mba'e gui guare meme ma .ha'e rami vy nhaneramoĩ kuery ikuaiague rami ae nhandekuai opy re .oĩ nhemongueta nhemonguera ,kyrĩgue ha'e tujakue oporai aguã guive oĩ havi nhemongarai ma'etỹ nhavõ.



# Pamonha

Ingredientes: 10 espigas de milho verde

Preparo: Ralar no ralador, colocar na panela para engrossar, depois, enrolar a massa de milho em folha de bananeira. Após, colocar na brasa para assar, cuidar para não queimar. Depois de alguns minutos, retire do fogo para comer com carne.





# Mbyta jajapo aguã:

mokoĩ pó avaxi ky

mba'exa pa jajapo aguã: Mbyta ma ojapoa va'e avaxi ky gui. Ha 'e vy oikyty rã avaxi kytya py ha 'e rire ma remoĩ rã peteĩ oja py, pakova rogue py renhovã va'ekue. Ha 'e gui reraa rã tata py reja emoĩ ny ogy peve. Ha 'e rire renõe vy ma remboi pakova rogue, ha'e gui ma ha 'eve ma re'u aguã mba'emo xo 'o ka 'aguy gui gua revê.



# Receita de Xipa

4 xícaras de farinha de trigo

2 colheres de fermento

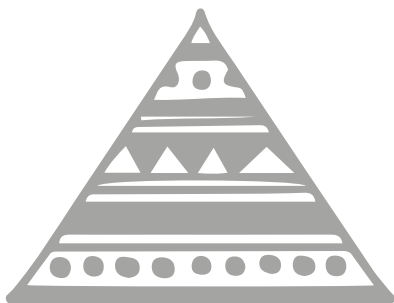
1 pitada de sal

1 colher de açúcar

1 colher de margarina

Modo de preparo:

Misturar a farinha, açúcar, sal, margarina mexer bem, colocar o fermento adicionar 3 xícaras de água morna. Amassar até o ponto de fritar para modelar o xipa, pegar uma garrafa e alisar até ficar fininha. Cortar em tirinhas e fritar no óleo ou banha.



# Rembojy aguã Xipa

irundy karo trigo

Mokoĩ kuxa fermento

peteĩ kuxa juky

peteĩ kuxa açucar

peteĩ kuxa margarina

Rembojy aguã:

Remõi remõiru mba rã trigo, açucar juky margarina ha ´e gui ma remoĩ yy haku vevui mboapy karo rejapo pa rire ma ha ´eve ma rejapo aguã xipa, rejopy ra peteĩ hy ´a kua remoapomõ porã ve aguã.

Rejayaya´i va´e kue ma ha´eve ma remboxyry aguã, nhandy haku py.



# A lenda da mandioca

De acordo com a lenda, uma índia tupi deu à luz a uma indiazinha e a chamou de Mani. A menina era linda e tinha a pele bem branca. Vivia feliz brincando pela tribo. Toda tribo amava muito Mani, pois ela sempre transmitia muita felicidade por onde passava.

Porém, um dia Mani ficou doente e toda tribo ficou preocupada e triste. O pajé foi chamado e fez vários rituais de cura e rezas para salvar a querida indiazinha. Porém, nada adiantou e a menina morreu.

Os pais de Mani resolveram enterrar o corpo da menina dentro da própria oca, pois esta era a tradição e o costume cultural do povo indígena tupi. Os pais regaram o local, onde a menina tinha sido enterrada, com água e muitas lágrimas.

Depois de alguns dias da morte de Mani, nasceu dentro da oca uma planta cuja raiz era marrom por fora e bem branquinha por dentro (da cor de Mani). Em homenagem a filha, a mãe deu o nome de Maniva à planta.

Os índios passaram a usar a raiz da nova planta para fazer farinha e uma bebida (cauim). Ela ganhou o nome de mandioca, ou seja, uma junção de Mani (nome da indiazinha morta) e oca (habitação indígena).

# Lenda Maji'o regua

Kova'e mba'eypy ma, ijayvu peteĩ nhande i va'e oguereko peteĩ kyrĩ, va'e jave Guare.

Ky rĩ va'e oiko'i ma rire ma omboery kunha'ĩ va'e pe mǎji'o. Ha'e teĩ kunha'ĩ va'e ipire xĩ ramo.

Tuvixa ma jave ovy'a rei'i oiko vy hetarã kuery reve. Ha'e javi hetarã kuery oayvu mǎji'o pe, ha'e gui ha'e ma ha'e javi rei reve ovy'a.

Hare ma rire ma kunha'ĩ va'e i mba'e axy, ha'e ramo ha'e javi hetarã kuery nda 'evei hexe ha'e ndovy'ai guive okuapy. Ha'e ramo hetarã Kuery oenoĩ xamo'ĩ pe, tuu Kuery oexauka xamo'ĩ pe ramo xamo'ĩ voi onhea'ã omonguera aguã kunha'ĩ va'e pe. Teĩ xamo'ĩ voi ndogueraa jepei. Ha'e kunha'ĩ va'e omano'ĩ, rive.

Ha'e rire ma tuu Kuery ha'e kuery ro guy py ae omoĩ porã kunha'ĩ va'e retekue'i Ha'e kuery reko'i ae ramo, tuu kuery ma omoakỹ riae yvyra rupa ko'ẽ nhavõ.



# Lenda da Erva - Mate

Toda a tribo tinha partido para a guerra. Mas um homem, por causa de sua idade avançada, teve que permanecer. Ele ficou chorando no alto de uma colina, vendo os jovens guerreiros partirem. Ele se lembrava de quando era um valente guerreiro e como, agora, estava fraco e envelhecido. Sua única alegria era sua filha Iari, que já tinha recusado muitos pedidos de casamento para ficar ao lado do velho pai...

Um dia, chegou ao rancho do velho Guarani, um viajante estranho, com roupas coloridas e olhos lembrando o azul do céu longínquo. O velho logo percebeu que o homem vinha de muito longe e recebeu o viajante com amizade. Iari foi buscar os melhores frutos da floresta e o mel mais doce das abelhas. O velho índio com os olhos cerrados para lembrar-se melhor das histórias de um mundo afastado no tempo, recordava episódios de sua mocidade. Tudo era feito para que as horas que o estrangeiro passasse naquele rancho fossem agradáveis. No outro dia, com o sol raiando, o viajante já estava pronto para partir. Dirigiu-se então ao velho índio e disse:

- Você é uma pessoa muito boa. E a sua bondade merece ser recompensada. Eu sou um mensageiro de Tupã, espírito do bem. Pede o que quiseres e eu lhe darei.

# Mba'exa pa Ka'ay Jaikuaague

Yma maje ði peteĩ tekoa nhande i va'ekuery ikuai peteĩ ara py maje tekoa'i va'ekuery oje'oi amboae tekoa py joe opu'ã aguã, oiko avi maje petei tuja'i, amboae kuery oje'oi ma ramo oo yvy'ã re ojaipukai ojae 'o reve vy aipoe'i.

- Tapeo katu, xekunumi jave xee voi axevai va'ekue aỹ ma xetuya'ima

Tuja'i ndooi rã tajy opyta avi nguu re anhangareko aguã, ha'e va'e kunha re omenda xe teĩ nomendai nguu reve oiko vy. Peteĩgue ka'aru'i jave ovãe peteĩ ava va'e ou va'ety he'ỹ ijao ipara joegua he'ỹ he'ỹ va'e, ha'e arai hovy rami hexa, ovãevy aipoe'i mombry gui aju ha'evy xekane'õ guive he'i, ha'e rami tuja'i ovy'a reve aipoe'i

- Evãeke emombe'u nhaendu he'i.

Ha'egui aipoe'i guajype

- Tereo eru mba'emo'a ha'egui ei nhandepoua pe nhame'ẽ agüa

Ha'erami py pytũ mbuku kuere ijayvu katu okuapy, tuja'i ima'endu'a pa kunumi jave guarere.

Ko'emba'i jave ava va'e oo ju tama vy aipoe'i

- Ha'eve te ma ndeporayvua rexauka, xee ma nhanderu rembiguai aiko va'e, nhe'ẽ porã reve aju ndero py xemovãe porã aguere, mba'emo reipota va'ere rejerure ramo ame'ẽ rã he'i ha'eramo tuja'i aipoe'i !

- Nada mereço pelo que fiz, senhor! - respondeu o Guarani. Mas gostaria de um companheiro para a minha velhice, para que minha filha Iari possa casar e formar sua própria família. É só o que eu peço: um amigo fiel que fique comigo e me dê ânimo.

O mensageiro de Tupã sorriu. Em suas mãos brilhava uma planta repleta de folhagens verdes.

O viajante entregou a planta ao velho e disse:

- Deixa crescer esta planta e bebe de suas folhas que você terá o companheiro que tanto deseja. Esta erva traz em si a força de Tupã e trará conforto para todos os homens de tua tribo. E Iari será a protetora das florestas. As caminhadas de guerra serão menos cansativas e os dias de descanso mais felizes.

E desde então, Caá-Iari é senhora dos ervais e deusa dos ervateiros.





- Xee aipota xemoirũ va'erã'ĩ, apa'i peve, ha'e ramo rã xerajy omenda ha'egui imemby reta aguã, he'i ha'eramo ava va'e hory vaipa 'vy oeuxauka peteĩ yvyra renhõi va'e omboaxa tuja'i va popy vy aipoe'i.

- Enhotỹ kova'e ha'e gui yvate jave emondo hogue emombiru ha'e gui rejoxo rire ma eitykua hy'akua py rey'u aguã kova'e pe ma ka'ay ere rã , rey'u rire nerexãi ha'e nembaraete' rã, ha e'gui kova 'e nemoirũ 'ra remano'ĩ, peve.

- Há'e gui aipoe'iju

- Nderajy ma ndere openã ague rami ha'e ju rã openã kova e renhoĩ re, ha'e rami vy ka'a jaryi ea rã ixupe.

Ha'e rami rire aỹ peve nda'evei ka'a jajavyky rei agũa, jajavyky rei ramo.

Ka'a jaryi nhanemondyi rã.

Kova'e anho - Ha'evete.



# Preparo de milho para fazer Mbojape

20 espigas de milho seco debulhado

5 litros de água

Modo de fazer:

Coloca o milho em uma vasilha junto com a água, deixar de molho por uma noite.

Depois tira a água do milho e coloca dentro do pilão para socar, depois coloca o milho triturado em uma peneira e classifica o fubá para fazer o mbojapé.

Modo de fazer o Mbojape:

5 xícaras de fubá feito de milho

2 xícaras de água

1 pitada de sal ( opcional)

Modo de preparo:

Misture todos os ingredientes em uma vasilha, mexa com uma colher até que fique no ponto de assar.

# Mbojape rejapo aguã

20 avaxi hatã he'y rejyky va ´ekue

5 yy

Remoĩ rã

Remoĩ ra peteĩ hy ´a tuvixa va´e py yy reve reja ra peteĩ  
pytũ re.

Ha ´e gui renoê ra avaxi remoĩ aguã angu´a py, ha ´e rire  
renoê rã avaxi rejoxo va´e peteĩ yrupē py rembogua aguã.

Reiporu va´e rã

5 karo avaxi ku´i

3 karo yy haku vevui

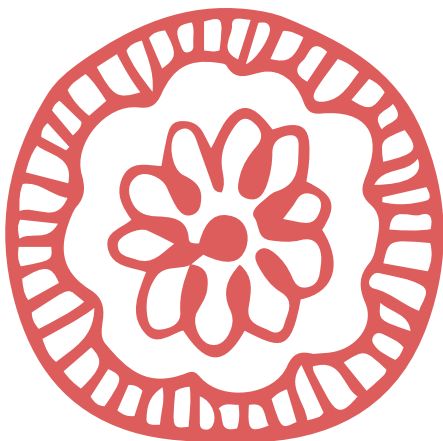
Rexy aguã

Remoapomõ rã ndepopy ha ´egui rejapo rã mbojape rã ha  
´egui remoĩ rã tanhĩmbu haku py, rexy aguã. Há ´evy ma reja rã  
ojoy aguã.

Depois, faça bolinhas e leve em cima das cinzas para assar, deixar por alguns minutos até que fique bem assado.

Tirar do fogo, lavar em água corrente para retirar as cinzas do mbojape.

Depois servir com carne de tatu, frango, porco e peixe, entre outros.



Ha ´e rire ma renoê rã rejoi aguã yy py tanhĩmbu remboi  
aguã.

Há ´e gui ha ´eve ma re´u aguã tatu, ro´o revê ha´e ramie´y  
vy uru, poryko ha´e pira reve.



# Artesanato guarani Mbya



O artesanato guarani é feito tanto pelo homem quanto pela mulher e seus filhos. O artesanato também serve como a fonte de renda familiar, o que eles fazem é: colar, pulseira, cocar, cachimbo, chocalho, anel, brinco, cesto

e balaio. Mas, cada um desses artesanatos tem um significado, por exemplo, o colar é usado pelo homem ou mulher para ir à casa de reza. Desta forma, entendemos que a cultura do artesanato é feita de geração em geração, mas percebemos que com o passar dos anos não temos tantas sementes para fazer pulseiras, colar entre outros. Por esse motivo, substituímos pelas miçangas encontradas no mercado. O importante é que apesar dos avanços, ainda nós indígenas temos como prática a elaboração de artesanatos.

# Tembiapo Mbya kuery ojapo va´e

Tembiapo ma ojapo va´e avakue, kunhague ha´e Kyrĩgüe, oĩ avi tembiapo nhevende avi amongue gua´y kuery omongaru aguã, tembiapo ojapo xevai va´e ma: mbo´y, poapy régua, akã regua, petỹgua, mbaraka mirĩ, kuã regua, namixã, ajaka ha´e varai. Va´eri peteĩ teĩ ma oguereko mba´exa pa oiporu ãgua ex: mbo´y ma avakue ha´e kunhangue oiporu opy´i oo aguã. Mba´eta nhaneramoĩ kuery omboaxa nhandevy kuery pe ha´e gui yma guare rami ve´y guive, mba´emo ra´yĩgüe ndojejou vaipa vei, há´e nunga rupi ma mbya´i kuery ndajajapoi jaiporu va´era, ha´e vy ma jurua kuery oiporu va´e regua gui rive ma jajapo nhanembo´y ra. Ha´e rami teĩ nhande Mbya´i kuery jareko teri mba´exa pa jajapo rã nhande kuery rembiapo.





No início, Deus já tinha a terra e o homem. Então, chamou um branco e um índio e perguntou: O que vocês querem no mundo? O branco respondeu: Quero animais domésticos: cavalo, boi, galinha, gato, cachorro, burro, porco, etc... - pois ele queria as coisas mais fáceis. Se quisesse comer, era só ir ao quintal e pegar uma

galinha ou um porco. Se tivesse que ir longe, era montar no cavalo e ir, e assim por diante. Já o índio pediu animais silvestres para passar o tempo caçando e comendo essas caças e também para suas rezas. Para os guarani, a paca é o animal mais sagrado que existe na Terra, então, quando uma paca é morta, ela é dividida com todas as pessoas da aldeia, nem que cada um ganhe um pedaço bem pequeno pois se ela não for dividida com todos, o Deus que protege os animais leva uma criança recém-nascida.



Ijypy maje Nhanderu onhonõ ae ma, raka'e yvy ha 'e vy ma je oenoĩ Peteĩ jurua ha e gui Peteĩ Nhande'ĩ va'e: ha'e vy ma je nhanderu oporandu jurua pe mba; e tu Pende peipota, ha'e vy jurua aipoe'ĩ: ore ma roipota mymba oka regua kavaju, vaka, uru, xivi i, jagua mburika i ha'e poryko.

Xo'o Ka'aguy regua.

Mbya Kuery ojerure vixo ka'aguy'ire okaxa'ĩ aguã ha'e ho'u'ĩ aguã ha'e ombojerovia xo'o Ka'aguy'ĩ.

Mbya Kuery pe ma aỹ reve jaixa'ĩ jajukavy Nhaneretarã Kuery pe Nhamboja'o - ja'o'ĩ rã ho'o Kue'ĩ päve'ĩ pe yma ramo nhaneramoĩ ypy Kuery oikuaa ramo jaixa'ĩ nhanderu xy va'e Kue raka'e ombojera jaixa'ĩ rami oiko'ĩ aguã.

Mba'eta nomboja 'oi ramo ija peteĩ kyri va 'e nheê ogueraa rã.



# Pequeno Sol (Canto da casa de reza)

Levando sua Luz

E caminhando

Com sua sabedoria

e com seu raio eterno

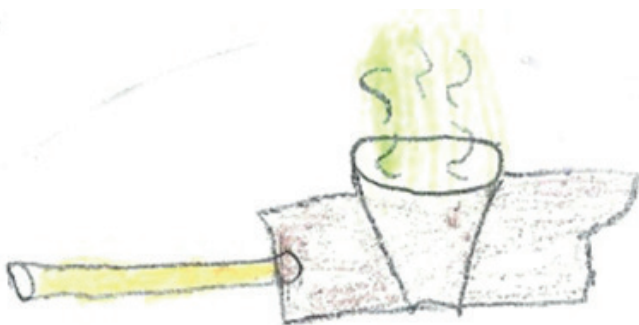
Pequeno Sol

Levando sua Luz

E caminhando

Com sua sabedoria

e com seu raio eterno



# Nhamandu mirĩ (Mborai opy regua)

O guěřõ pu'ã

Ojexaka

Oguero guata

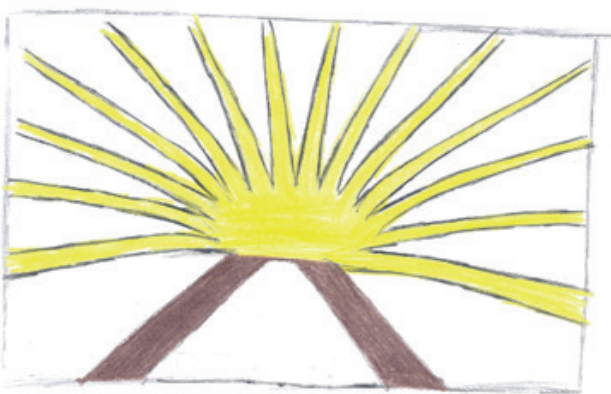
Nhamandu mirĩ

O guěřõ pu'ã

Ojexaka

Oguero guata

Oguero guata



**REALIZAÇÃO:**

